

DADOS SOBRE O CAFÉ NO BRASIL - SAFRA/99

Nº em toneladas, por Região/Estados

NORTE

RO - 189.200

PA - 30.739

NORDESTE

CE - 4.175

PE - 3.000

BA - 110.895

SUDESTE

MG - 1.526.401 - 1º produtor (46,8 %)

ES - 631.161 - 2º " (19,4 %)

RJ - 13.926

SP - 425.000 - 3º " (13,0 %)

SUL

PR - 282.000 - 4º produtor (8,6 %)

CENTRO-OESTE

MS - 4.313

MT - 33.399

GO - 5.045

DF - 1.026

TOTAL BRASIL : 3.260.280 toneladas (*)

FONTE: DE AGRO/FUNDAÇÃO IBGE

(*) dados referentes à produção do "café em côco" ou "cerejinha", que é o grão seco, antes de ser torrado

OBSERVAÇÕES :

- 1) O Brasil continua a ser o maior produtor e exportador de café do mundo. Dados da exportação/99: 15 milhões de sacas de café beneficiado (= sacas de 60 kg). A situação está favorável para a exportação.
- 2) O café produzido no Espírito Santo é, na sua maioria, da variedade CONILLON, de qualidade inferior, utilizado para a produção de *café solúvel*.
- 3) O RJ, nono produtor do país (0,4 % da produção nacional), está desenvolvendo projeto para a produção de café da variedade CONILLON, na região norte do Estado.
- 4) A queda na produção de MG, em relação ao ano passado, se deve a estiagens prolongadas, pragas e doenças.

VASSOURAS

Onde hoje está o Município de Vassouras era o local onde desde tempos imemoriais até o século XVIII, viviam os temíveis índios Coroados. Estes, no citado século, foram pacificados por três enviados portugueses e confinados em aldeamentos para a proteção das fazendas que ali estavam se instalando. No ano de 1727, foram abertas em suas terras pelo bandeirante Bernardo Soares de Proença duas rotas de penetração para as Minas Gerais: a primeira, passava pela "Roça do Alferes", propriedade realmente de um alferes, Francisco Tavares. A segunda rota passava pela

região de “Sacra Família do Caminho Novo do Tinguá”, de início apenas denominado de “Caminho Novo”. Formaram-se, aos poucos, por estas duas rotas, alguns núcleos urbanos: Caminho Novo de Minas, Marcos da Costa, Tinguá, Roça do Alferes, etc.

Em 11 de janeiro de 1755, foi conferido a Paty do Alferes (antiga Roça do Alferes) o predicamento de freguesia, sendo esta instalada numa capela dentro da Fazenda Freguesia (hoje Arcozêlo), que pertencia ao também alferes Leonardo Cardoso da Silveira; e no dia seguinte, idêntico predicado foi conferido ao de Sacra Família do Tinguá, com o que se lançavam os fundamentos de Vassouras, pequeno arraial da segunda dessas freguesias.

O Rei D. João VI, querendo promover o incremento da agricultura no Vale do Paraíba, expediu um Alvará datado de 04 de setembro de 1820, criando a Vila de Paty do Alferes. Entretanto, era este povoado muito pobre, com apenas quatro casas e, pior, assolado por uma guerra familiar travada entre os dois maiores proprietários da região, o Capitão Mor Manuel Francisco Xavier, do sítio da Cachoeira; e o Padre Inácio de Souza Werneck, da Fazenda de Santana das Palmeiras. Essa rixa, que durou até 1824, expulsou todos os colonos. O primeiro Presidente da Câmara Municipal, Lauriano Correia e Castro, futuro Barão de Campo Belo, homem laborioso, tentou em vão promover o progresso local.

Alguns anos antes, em 1816, o Príncipe D. João ordenara a Intendência Geral de Polícia do Rio de Janeiro, na figura do Intendente Geral Dr. Paulo Fernandes Vianna, a abertura de uma nova estrada para as Minas Gerais, e que se denominaria de “Estrada da Polícia”. Aberta a concorrência para a mesma, ganhou a obra o mineiro Custódio Ferreira Leite, futuro Barão de Aiuruóca, que colocou seus sobrinhos, sete irmãos da família Teixeira Leite, para assessorá-lo. Esta família, bem como outras, se estabeleceram num arraial na beira da estrada, no lugar denominado “Vassouras”, e passaram a ali residir depois da inauguração do novo caminho em 1820. Graças ao café, plantado no solo ubérrimo local, Vassouras prosperava, enquanto Paty do Alferes definhava.

A situação assim perdurou por todo o Primeiro Império, e somente depois da renúncia de D. Pedro I, a 07 de abril de 1831, é que recrudescer um movimento para mudar a sede municipal de Paty para Vassouras. Finalmente, em 15 de janeiro de 1833, a Regência Trina assinou um ato extinguindo a Vila de Paty do Alferes, transferindo toda a sede municipal para o Arraial de Vassouras, ereto em Vila a partir daquela data. O nome Vassouras era originado de um arbusto abundante no local, a “Guaxima”, de cujos galhos o povo transformava em vassouras, mas seria por outro arbusto, o café, que nobilitaria o local e seria uma fonte de progresso até o terceiro quartel do século XIX.

A Comarca de Vassouras foi criada em 13 de abril de 1835 (Temo de Vassouras, Valença e Paraíba do Sul). A Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Vassouras foi criada em 23 de dezembro de 1837, sendo a linda Igreja Matriz erguida de 1838 a 1847 graças aos esforços do Barão de Aiuruóca; de Francisco José Teixeira Leite, futuro Barão de Vassouras; Joaquim José Teixeira Leite, seu irmão; de Lauriano Correia e Castro, futuro Barão de Campo Belo; e de outros fazendeiros que contribuíram fortemente para o incremento de sua bela cidade.

Essa união entre os fazendeiros e a intensa atividade urbana daí resultante, incomum no Vale do Paraíba, e que gerou um grande senso de vida comunal, era devido não só ao fato de quase todos serem parentes entre si (quer por legítimo parentesco sanguíneo, quer por casamentos), bem como serem quase todos da mesma origem mineira. Foi esta união que fez a Vila resistir ao assalto do Quilombo de Manuel Congo, que se estabeleceu no alto da Serra de Santa Catarina em 1839, e que assolou os povoados vizinhos até ser extinto por tropas federais enviadas sob o comando do então Barão de Caxias.

A 29 de setembro de 1857, a Vila recebeu o predicado de Cidade pela Lei Provincial no. 961. Era então conhecida como a “Princesinha do Café”. A inauguração de novas estradas ligando outras regiões do Vale do Paraíba ao Rio de Janeiro motivou aos vassourenses a elaboração de um audacioso plano ferroviário de ligação de Vassouras com a Côrte, cujos mentores foram o Barão de Vassouras, o Barão de Campo Belo e o Comendador Joaquim José Teixeira Leite. Levado o plano ao Imperador D. Pedro II, este acabou dando a concessão a um grupo rival, de Piraí, que abriu a nova estrada de ferro do ramal da Serra do Mar, inaugurando-o em 1866, deixando Vassouras isolada. Uma lenta asfixia conduziria a cidade à falência, apenas atenuada quando da criação do Ramal de Vassouras, em 1875, inaugurado num momento em que o ciclo cafeeiro no Vale do Paraíba Fluminense estava já em plena decadência, com a exaustão dos solos e do sistema escravista. Quando da Abolição em 13 de maio de 1888, a cidade era apenas uma pálida lembrança de seu faustoso passado.

A criação de gado e a praga das formigas saúvas arrasaram qualquer tentativa de incremento da agricultura local. Guerras familiares afastaram empreendimentos progressistas, e Vassouras parou no tempo por quase oitenta anos. Tombada pelo IPHAN como Monumento Nacional em 1957, nela se instalou em 1968 a Faculdade de Medicina fundada pelo General Severino Sombra, origem das futuras Universidade e da fundação que muito contribuíram para o renascimento de Vassouras dentro do Estado do Rio de Janeiro.

Cidade estudantil, Vassouras tem se distinguido na lavoura do tomate e, mais recentemente, no turismo histórico, praticado em suas fazendas e museus, em particular a “Casa da Hera”, antiga residência urbana de Joaquim José Teixeira Leite e sua filha, a famosa Eufrásia Teixeira Leite, casa-museu aberta permanentemente ao público desde 1966 e mantida pelo IPHAN.

PRINCIPAIS FAZENDAS DE VASSOURAS

Fazenda da Cachoeira Grande, em Engenheiro Nóbrega: erguida em 1820. Foi moradia do Barão de Vassouras. A Princesa Isabel e o Conde D`Eu a visitaram em 1884, para uma festa. Restaurada, está ornada com móveis e quadros que vão dos séculos XVIII ao XX. Em anexo, numa garagem, há uma famosa coleção de carros antigos com mais de cinquenta veículos raros. Aberta à visitação. Tel: (0xx24) 2471-1264 ou (0xx21) 2322-5040.

Fazenda do Secretário, em Ferreiros: erguida em 1839/42 pelo Barão de Campo Belo, sob projeto do Major Júlio K eller, autor do Palácio Imperial de Petrópolis. Muito rica, possui móveis antigos e lindas pinturas murais do artista espanhol Villaronga além de um parque traçado pelo paisagista francês Glaziou, ornado com estátuas francesas. Usada como cenário da novela Dona Beja, e das minisséries Os Maias e O Quinto dos Infernos. Abre para pequenos grupos. Tel: (0xx21) 2521-3100

Fazenda São Fernando, em Massambar : erguida em 1813 e ampliada em 1850. Foi moradia de Fernando Luís dos Santos Werneck. Ornada com móveis palacianos dos séculos XVIII e XIX, bem como quadros antigos. Usada para várias loca es de novelas. Abre apenas para grupos escolares.

Fazenda São Luís da Boa Sorte, em Aliança: erguida em 1790 e ampliada em 1850. Foi por mais de cem anos moradia da família Avelar. Freq entada pelo Conde D`Eu. Visita o apenas externa.

Fazenda Galo Vermelho, em Palmas: constru o moderna, mas muito elegante e em ampla área verde. Possui extenso programa para lazer ecológico, tal como: caminhadas, cavalgadas, etc. Aberta   visita o. Tel: (0xx24) 2471-1244.

Casa da Hera: não   uma fazenda, mas sim uma rica casa urbana do Ciclo do Café, datada de 1833 e conservada nos mínimos detalhes. Foi moradia de Joaquim José Teixeira Leite e de sua filha, a famosa Eufrásia Teixeira Leite. Possui móveis e objetos

antigos originais. Tombada pelo IPHAN e aberta à visitação. Tel: (0xx24) 2471-2765/2471-2144.

Para as fazendas sem telefone especificado e outras informações: Secretaria Municipal de Turismo de Vassouras – Tel: (0xx24) 2471-1998.

HISTÓRICO DA FAZENDA CACHOEIRA GRANDE - VASSOURAS - R.J.

Em 1820 foi aberta a famosa “Estrada da Polícia”, ligando o Rio de Janeiro às Minas Gerais, assim chamada por ter sido promovida sua abertura pela Intendência de Polícia do Rio de Janeiro, que, naqueles tempos, funcionava como um autêntico governo provincial. Um de seus mais animados promotores foi o mineiro Custódio Ferreira Leite, futuro Barão de Aiuruóca. Contou com ajuda de sete sobrinhos, todos filhos de Francisco José Teixeira e Francisca Bemardina do Sacramento Leite Ribeiro, os futuros barões de Itambé. Dêstes, sobressaiu Francisco José Teixeira Leite, que veio com o tio com apenas 16 anos. Quatro anos depois tornara-se já abastado plantador de café. Aos 24 anos casou-se com sua prima, D. Maria Esméria Leite Ribeiro, recebendo como dote a Fazenda da Cachoeira Grande, cortada pela “Estrada da Polícia”, no caminho para Sacra Família. Não era a maior fazenda da região, possuindo apenas 1.125 hectares, mas foi o princípio da imensa fortuna do futuro Barão de Vassouras. Francisco reformou a velha casa, dando-lhe o formato de um “T”, talvez, uma alusão ao seu famoso sobrenome abramítico português. Em 1850, quando enviuvou de D. Maria, possuía em sua fazenda 250.000 cafeeiros, entre bons e maus, mantidos por 147 escravos e 15 crianças. Um ano depois Francisco contraiu segundas núpcias com D. Ana Alexandrina Teixeira Leite, uma bonita “barramansense” trinta anos mais nova. Fixou residência na próspera Vila de Vassouras, passando a usar Cachoeira Grande apenas nos fins de semana. Francisco substituiu o café da fazenda pelo beneficiamento de alimentos, então muito caros em Vassouras, ficando famoso o “Arroz de Cachoeira”, todo tratado com eficientes máquinas hidráulicas aproveitando a cachoeira que batizava a propriedade. Francisco chegou a ter avultados bens e usou-os no incremento de Vassouras. Foi Presidente da Câmara em mais de uma vez, alternando-se no cargo com seu irmão, o Comendador Joaquim José Teixeira Leite. Dotou a vila de inúmeros melhoramentos e foi o maior incentivador do transporte ferroviário em Vassouras, que foi elevada à condição de cidade em 1857. Mantinha negócios com quase duzentos comerciantes, sendo famoso pela probidade e honradez. Por seus méritos foi elevado por D. Pedro II em 1871 à condição de Barão de Vassouras, ampliado três anos depois à Barão com Grandeza de Vassouras. Teve o Barão onze filhos com D. Ana Alexandrina, a qual logo adoeceu e passou a sofrer das faculdades mentais, falecendo prematuramente com 46 anos em 1880. Uma de suas filhas, Cristina, casou-se com o Visconde de Taunay. Francisca, outra filha, casar-se-ia com o Conselheiro Francisco Belisário Soares de Sousa. O Barão morreria em maio de 1884, às vésperas de completar oitenta anos. Outra filha, Maria Esméria Teixeira herdou a Fazenda Cachoeira Grande e nela recepcionou com grande jantar a 18 de setembro de 1884 a Princesa Isabel e o Conde D`Eu, ambos de passagem por Vassouras. D. Maria Esméria transformou a fazenda em importante centro produtor de cachaça atividade que sobreviveu à Abolição, chegando às primeiras décadas do século XX. Ela ainda ampliou as terras em mais ½ sesmaria, mas, após sua morte, foi a fazenda bastante reduzida. Hoje, restaurada e bem decorada, Cachoeira Grande recuperou seu antigo esplendor. Pertence atualmente à família de Francisco Vergara Caffarelli, industrial e colecionador de arte.

INVENTÁRIO RESUMIDO DOS BENS MÓVEIS DA FAZENDA CACHOEIRA GRANDE - ENGENHEIRO NÓBREGA - VASSOURAS - R. J.

PORTAL DE ENTRADA

Lampiões (2) em bronze trabalhado com atlantes - modernos - séc. XX.
Cache-pots (2) grandes em cimento desenhado para chão - modernos - s. XX.
Vasos grandes (2) em mármore estatuário trabalhado - modernos - séc. XX.

HALL

Portal de capela mineira em madeira almofadada e granito - séc. XVIII.
Cômada gaveteira provincial brasileira rústica em jacarandá - séc. XIX.
Mesa de centro em madeira esculpida estilo Luís Felipe "Riche" - séc. XIX.
Relógio carrilhão alto inglês de pêndulo e corda datado - 1822.
Consoles (2) em madeira trabalhada estilo Luís Felipe "Riche" - séc. XIX.
Sofá Marquesa em jacarandá e palhinha estilo Império brasileiro - séc. XIX.
Bengaleiro em madeira de estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Quadro grande o/t "Virgem e Santos" - Escola de Cuzco - séc. XVIII.
Quadro médio o/t "Santo" - Escola de Cuzco - séc. XVIII.
Tapeçaria Gobelin pequena - "Cena de Gênero" - sécs. XVIII/XIX.
Espelho grande bisauté multifacetado emoldurado estilo Luís XVI - séc. XIX.
Lustre em bronze dourado e cristal estilo Art Nouveau - séc. XX.
Arandelas (2) italianas em bronze e cristal branco - séc. XIX.
Lampiões (2) em cristal azul lapidado com mangas de cristal - séc. XIX.
Travessas (2) em faiança "borrão" e decalcomania inglesas - séc. XIX.
Centro de mesa em porcelana branca européia - séc. XIX.
Vaso modelo "belamino" em opalina policroma - séc. XIX.
Tapete chinês grande policromo com motivos fitomorfos antigo - séc. XX.
Várias bengalas (5) em madeira e prata antigas diversas - sécs. XIX/XX.
Castiçais pequenos (2) em cristal lapidado - modemos - séc. XX.
Grande cache-pot com arranjo floral - modemo - séc. XX.

SALÃO NOBRE

Conjunto de sofá, poltronas (2), cadeiras (4) em estilo Eclético - séc. XIX.
Mesa grande de centro em madeira estilo Luís Felipe "Riche" - séc. XIX.
Consoles brasileiros (2) estilo transição D. José I/ D. Maria I - séc. XVIII.
Mesa rústica mineira com gavetas estilo D. João V(cópia) - séc. XX.
Cômada gaveteira alta (cópia) em madeira amarela estilo D. João V - séc. XX.
Pianoforte de Hamburgo em madeira marchetada estilo Neoclássico - 1814.
Banqueta circular em madeira do pianoforte alemão neodássico - 1814.
Tocheiros mineiros (4) de madeira dourada em estilo Rococó - séc. XVIII.
Quadro pequeno o/t "Virgem da Conceição" - Escola de Cuzco - séc. XIX.
Quadro grande o/t "Paisagem" - Ass. Paulo Gagárin (1885-197?).
Quadro médio o/t "Paisagem" - Ass. D. Meaths - séc. XX.
Quadros pequenos (2) o/t "Paisagens" - Ass. G. Haller - séc. XIX/XX.
Espelhos ovais (2) com moldura dourada em estilo Neoclássico - séc. XIX.
Lustre tipo "Aranha" austríaco em bronze e cristal rubi e furta cor - séc. XVIII.
Arandelas italianas (2) em bronze dourado e cristal branco - séc. XX.
Candelabros de nove braços (2) em bronze dourado artístico - séc. XIX.
Candelabros de dois braços (2) em prata com mangas de cristal - séc. XX.
Castiçais pequenos (2) em prata brasileira trabalhada - modernos - séc. XX.
Floreira centro de mesa em porcelana européia policroma - séc. XIX.
Floreira centro de mesa (menor) em porcelana européia policroma - séc. XIX.
Imagens mineiras em cedro policrom. (3) N. Sra. Da Conceição - s. XVIII/XIX.
Imagem mineira em cedro policromado de N. Sra. Do Camo - séc. XVIII.
Relógio de corda para mesa em madeira e prata trabalhada - séc. XX.

Relógio de corda para mesa em porcelana policroma fina italiana - séc. XIX.
Grande tapete chinês antigo policromo com motivos fitomorfos - séc. XX.

SALETA DE MÚSICA

Sofá estofado em jacarandá estilo Luís Felipe "Riche" (cópia) - séc. XX.
Poltronas estofadas (2) em jacar. estilo Luís Felipe "Riche"(cópias) - séc. XX.
Grande Victrola RCA Víctor em madeira estilo Chippendale - 1930.
Grande rádio americano "Rabo Quente" em madeira estilo Art Déco - 1930.
Lustre tipo "Aranha" em bronze e cristal italiano verde piscina - séc. XX.
Quadro grande o/t "Paisagem" - Ass. Dario Mecatti - Firenze (1909-199?).
Álbuns capa dura (2) com discos tipo "bolachas" de 78 rotações - séc. XX.
Caixa de madeira para relógio carrilhão de pêndulo inglês - séc. XIX.

SALETA DO RELÓGIO

Sofá de jacarandá e palhinha em estilo Luís Felipe "Riche" (cópia) - séc. XX.
Poltronas (2) de jac. e palhinha em estilo Luís Felipe "Riche" (cópia) - séc. XX.
Quadro grande o/t "Marinha" - Ass. Pedro Bruno (1888-1949).
Lustre grande "Aranha" americano em cristal branco - séc. XX.
Relógio carrilhão alto de pêndulo em caixa de madeira escura - séc. XIX.

SALETA DE LEITURA

Sofá de palhinha e madeira clara em estilo Luís Felipe "Pauvre" - séc. XIX.
Cadeira de balanço em estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Estante de madeira eclética com vidro para livros - séc. XX.
Vitrine alta francesa em estilo Eclético em madeira e vidro jateado - séc. XX.
Cofre francês de dois andares em ferro fundido policromado - séc. XIX.
Rádio americano "Rabo Quente" com caixa em estilo Art Déco - 1930.
Lustre "Aranha" italiano em bronze e cristal verde piscina - séc. XX.
Quadro médio o/t "São Francisco com o Menino Jesus" - anônimo - séc. XIX.
Documento antigo (página de jornal) emoldurado - séc. XIX.
Livros diversos sobre literatura encadernados e brochuras - séc. XX.
Quadro médio o/t "Paisagem" - Ass. Ângelo Cannonne - séc. XX.
Quadro menor o/t "Paisagem" - Ass. Ângelo Cannonne - séc. XX.
Desenho grande à guache "Brasão dos Caffarelli" - Itália - séc. XX.

CAPELA

Retábulo mineiro de cedro policromado em estilo Rococó - séc. XVIII.
Mesa de altar mineira de cedro policromado em estilo Rococó - séc. XVIII.
Genuflexório mineiro em cedro policromado estilo Neoclássico - séc. XIX.
Canapé de jacarandá e palhinha em estilo Império brasileiro - séc. XIX.
Órgão hamonium pequeno rústico em madeira - séc. XIX/XX.
Banqueta de madeira rústica para órgão hamonium - séc. XIX/XX.
Armário mineiro em madeira rústica porta missal com vitrine - séc. XIX.
Grade torneada em cedro decapado de capela mineira - séc. XIX.
Tocheiros mineiros (2) de madeira dourada em estilo Rococó - séc. XVIII.
Tocheiro mineiro grande em prata trabalhada estilo Rococó - séc. XVIII.
Quadro o/t "Apresentação de Jesus ao Templo" - Esc. de Cuzco - séc. XVIII.
Quadro grande o/t "Coroação da Virgem" - Escola de Cuzco - séc. XVIII.
Quadro o/t " S. Francisco Recebendo os Estigmas" - E. de Cuzco - séc. XVIII.
Grande lâmpada mineira em prata cinzelada estilo Rococó - séc. XIX.
Ostensórios mineiros (2) em cedro policromado e dourado - séc. XVIII.
Crucifixo mineiro em madeira policromada e prata estilo Barroco - séc. XVIII.

Turíbulo mineiro em prata cinzelada estilo Rococó - séc. XVIII
Palmas mineiras (2) em prata estampada estilo Rococó - séc. XIX.
Palmas mineiras (2) em cedro dourado estilo Rococó - séc. XVIII.
Leque feminino chinês policromado antigo em sândalo e seda - séc. XIX.
Cálice e pátena mineiros em prata cinzelada estilo Rococó - séc. XVIII.
Bíblia em edição européia capa dura antiga e texto em latim - séc. XIX.
Querubins mineiros (2) fragmentos em madeira policromada - séc. XVIII.
Imagem sacra de Nossa Senhora em barro cozido policromo - séc. XIX.
Porta de sacrário mineiro em fragmento de cedro policromado - séc. XVIII.
Salva mineira em cedro policromado estilo Rococó - séc. XVIII.
Dossel reposteiro de tribuna em cedro pintado(fragmento) - séc. XIX

LIVING

Sofá de três lugares estofados da Sintesi - modernos - séc. XX.
Sofá de dois lugares estofados da Sintesi - modernos - séc. XX.
Poltronas (2) de jacarandá com dupla palhinha em estilo Eclético - séc. XX.
Piano de ½ cauda alemão de Leipzig em madeira escura antigo - séc. XIX.
Banqueta dupla em canela e palhinha de piano alemão antigo - séc. XIX.
Mesa redonda brasileira em madeira estilo Império provincial - séc. XIX.
Console pequeno inglês para canto em madeira - séc. XX.
Vitrine brasileira de madeira e vidro em estilo Eclético - séc. XIX.
Mesas cantoneiras(2) inglesas em madeira envernizada - moder. - séc. XX.
Mesa de abas em madeira estilo provincial brasileiro rústico - séc. XIX.
Cômada gaveteira em madeira estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Poltrona de madeira e palhinha em estilo Império brasileiro - séc. XIX.
Mesa de centro moderna com painel de azulejos barrocos - sécs. XX e XVIII.
Conjunto de sofá e poltronas(2) em estilo Luís Felipe "Pauvre" - séc. XIX.
Lustre "Aranha" em bronze e cristal azul e branco italiano - séc. XX.
Arandelas(2) em opalina azul com mangas de cristal lapidado - séc. XIX.
Quadro grande o/t "Paisagem" - Ass. Manuel Faria Guimarães(1895-197?).
Quadro pequeno o/t "Paisagem" - Ass. Win Van Dick (1915-198?).
Quadro médio o/t "Paisagem" - Ass. Ângelo Cannonne - séc. XX.
Quadro médio o/t "Paisagem" - Ass. Silvio Pinto (1918-199?).
Quadro médio o/t "Paisagem" - Ass. Manoel A. Santiago (1897-198?).
Barômetro antigo em metal amarelo e vidro para parede - séc. XIX.
Gomil e lavanda pequenos em prata trabalhada - séc. XIX.
Porta retratos(4) pequenos de mesa em metal prateado - modernos- séc. XX.
Candelabro em bronze dourado com mangas de cristal lapidado - séc. XIX.
Imagem grande de cedro policromado mineira de Santa Luzia - séc. XVIII.
Relógio de mesa carrilhão inglês antigo de corda - séc. XIX.
Abajures(2) em bronze estatuário escuro c/ figuras - modernos - séc. XX.
Lampião em vidro com manga de cristal lapidado - séc. XIX.
Vaso floreiro em porcelana policromada e dourada Via Paris - séc. XIX.
Vaso floreiro em opalina branca com desenhos - séc. XX.
Telefone tipo "Aranha" antigo de mesa em metal niquelado - séc. XX.
Compoteira e prato antigos em cristal rubi lapidado - séc. XIX.
Bilha, prato e copo antigos em cristal rubi lapidado - séc. XIX.
Bilha, prato e copo antigos em vidro opaco Esberard - séc. XIX.
Imagens pequenas(2) de figuras orientais em marfim estatuário - séc. XX.
Decanteur e cálices(4) c/ bandeja em cristal e metal Art Nouveau - séc. XX.
Potiches c/ tampa(2) de farmácia em porcelana branca e rótulo - séc. XIX.
Potiches c/ tampa(2) de farmácia em porcelana policromada - moder. - XX.

Petisqueira em cristal verde e metal italiano em estilo Art Nouveau - séc. XX.
Salva italiana de metal prateado c/ relevos em estilo Art Nouveau - séc. XX.
Caixinha circular em porcelana policromada para mesa de toalete - séc. XX.
Caixinha cigareira em prata lisa para mesa de centro - moderna - séc. XX.
Compoteira e tampa em faiança italiana policroma - moderna - séc. XX.
Missal antigo em latim encadernado com capa dura - séc. XIX.
Livro de registro antigo da Fazenda Cachoeira Grande em branco - séc. XIX.
Palmas em ferro(2) policromado de fatura popular - séc. XIX/XX.
Cinzeiro pequeno de mesa em porcelana branca e verde - modemos - s. XX.
Livros diversos em brochura sobre a mesa e na vitrine - modernos - séc. XX.
Grande tapete persa vermelho antigo de oração - séc. XX.
Tapete arraiolo retangular pequeno colorido - moderno - séc. XX.

SALA DE JANTAR

Mesa inteiriça mineira monumental de jantar em freijó modema - séc. XX.
Cadeiras (14) mineiras de campanha estilo D. José I - modernas - séc. XX.
Grande arcaz gaveteiro de sacristia em vinhático rústico mineiro - séc. XIX.
Etagére de jac. c/ tampo de mármore em estilo provincial brasileiro - s. XIX.
Armário vitrine em madeira e vidro estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Armário vitrine em jacarandá e vidro estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Vitrine em madeira e vidro estilo neogótica provincial para louças - séc. XIX.
Mesa tipo “pé de lira” brasileira rústica com gavetas (cópia) - séc. XX.
Consoles (2) em jacarandá estilo Luís Felipe “Pauvre” (cópias) - séc. XX.
Tocheiros (4) mineiros em madeira policromada estilo Rococó - s. XVIII/XIX.
Mesinha pequena auxiliar em latão pintado desmontável - moderna - séc. XX.
Barômetro antigo em metal amarelo e vidro para mesa - séc. XIX.
Quadro grande o/t “Virgem do Carmelo” - Escola de Cuzco - séc. XVIII.
Quadros grandes (2) o/t “Flores” - Ass. Carlos Oswald (1882-1971).
Quadro pequeno o/t “Paisagens” - Ass. A. Vireau - França - séc. XX.
Querubins (2) fragmentos mineiros em cedro policromado - séc. XVIII.
Tocheiros (2) em latão dourado e trabalhado com braços - séc. XIX.
Candelabros (2) de cinco braços em prata inglesa cinzelada - sécs. XIX/XX.
Gomil e lavanda em prata cinzelada estilo Rococó - séc. XVIII.
Castiçais (2) em prata cinzelada estilo Art Nouveau - séc. XX.
Mangas grandes (2) em cristal fino “bombée” lapidado - séc. XIX.
Licoreiro com garrafas (4) e cálices (16) em cristal jateado - séc. XIX.
Decanteurs (2) para vinho em cristal branco lapidado - séc. XIX.
Garrafas para bebidas em cristal branco lapidado - séc. XIX.
Terrina e travessa em faiança inglesa policroma - séc. XIX.
Floreiras (2) em porcelana chinesa policromada - modernas - séc. XX.
Bandôs pequenos (2) em tecido bordado colorido para mesa - séc. XX.
Tankards (6) de cristal lapidado com tampa em prata e metal - sécs. XIX/XX.
Bows (2) em porcelana policroma chinesa antiga - sécs. XIX/XX.
Prato raso em porcelana policroma holandesa antiga - séc. XVIII.
Sopeira com tampa em porcelana francesa policroma - séc. XX.
Sopeira com tampa em faiança inglesa policroma - séc. XX.
Jarros (2) em porcelana casca de ovo chinesa policroma - séc. XX.
Cache-pot pequeno em porcelana policroma - moderna - séc. XX.
Bule inglês para chá ou café em prata cinzelada - séc. XIX.
Pratos de sobremesa (18) em faiança inglesa azul “Old Castle” - séc. XX.
Consomé e pratinho em faiança azul e branca “Old Castle” - séc. XX.
Cálices de champagne (18) em cristal lavrado colorido em verde - séc. XX.

Serviço (36) de fina porcelana policroma francesa - sécs. XIX/XX.
Lustre Aranha em bronze e cristal topázio e branco italiano - mod. - séc. XX.
Relógio de corda p. mesa em bronze dourado e mármore branco - séc. XX.
Prato raso em faiança inglesa "Willow" azul e branco antigo - sécs. XIX/XX.
Taças e pires (6) para chá e café em faiança inglesa azul "Willow" - séc. XIX.
Consomées e pratinhos (6) em faiança azul inglesa "Woodsware" - séc. XIX.
Cremeira em faiança inglesa azul e branca "Woodsware" - séc. XIX.
Saladeira em faiança inglesa azul e branca "Woodsware" - séc. XIX.
Vaso em porcelana azul cobalto com desenhos fitomorfos - séc. XX.
Vaso de barro branco para plantas com base em ferro - moderno - séc. XX.
Abat-jour alto em metal prateado trabalhado para mesa - modemo - séc. XX.
Porta retratos pequeno de mesa em metal prateado - moderno - séc. XX.

NICHO DO LAVABO I

Móvel lavatório monumental em estilo Eclético com espelho - séc. XIX.
Lustre tipo "Pinha" italiano em cristal lapidado de cor rubi - séc. XX.
Gancho suporte com peças (2) de toucador em metal prateado - séc. XX.
Gravuras peq. Emolduradas (2) "Ânforas" - Ass. Ch. Kreutzberger - 1879.
Ganchos de bronze dourado (2) para toalhas na parede - séc. XIX.
Tapetinho pequeno colorido arraiolo - modemo - séc. XX.

LAVABO

Mesinha de canto em madeira trabalhada - séc. XX.
Urinol em porcelana européia policromada - séc. XX.
Quadro pequeno o/t "Paisagem" - Ass. Manoel A. Santiago (1897-198?).
Luminária de teto em vidro trabalhado - modema - séc. XX.

SALA DE ALMOÇO

Balcão rústico mineiro de loja em madeira servindo de aparador - séc. XIX.
Oratório de parede rústico mineiro em madeira policromada - séc. XVIII.
Pias batismais mineiras (2) em pedra esteatita rosa - modernas - séc. XX.
Cômoda rústica gaveteira em madeira estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Mesa grande retangular c/ gavetas rústica mineira para refeições - séc. XVIII.
Armário alto com portas rústico mineiro de madeira para louças - séc. XIX.
Relógio carrilhão francês de pêndulo e corda c/ caixa de madeira - séc. XIX.
Relógio carrilhão de pêndulo e corda p/ parede em madeira e vidro - s. XIX.
Banco grande de sacristia em madeira rústico mineiro - séc. XIX.
Móvel gaveteiro barguenho em madeira escura esculpura (cópia) - séc. XX.
Móvel pequeno gaveteiro antigo em madeira arquivo de médico - séc. XX.
Cadeiras (10) em madeira torneadas e estofadas - modernas - séc. XX.
Aquarelas emolduradas (2) "Velho e Velha" - escola italiana - séc. XIX.
Desenho peq. emoldurado - "Paisagem" - Ass. Manoel Santiago (1897-198?).
Quadro grande o/t "Paris" - Ass. W. Selmed (escola naif) - França - séc. XX.
Desenho pequeno à guache emold. - "Brasão dos Caffarelli" - Itália - séc. XX.
Telefone antigo com manivela de parede em madeira e metal - séc. XX.
Lustres lampiões (2) em ferro pintado e vidros bisotados - modernos - s. XX.
Imagem sacra mineira em cedro policromo de N. S. Da Conceição - s. XVIII.
Candelabros (2) com três braços em bronze e porcelana chinesa - séc. XX.
Castiçal em latão com manga de vidro "bombée" jateado - sécs. XIX/XX.
Travessa grande em porcelana artística pintada - modema - séc. XX.
Porta retratos de madeira médio para mesa - modemo - séc. XX.
Serviço de (12) peças para mesa em faiança policromada italiana - séc. XX.

Caneca italiana de barro cozido com inscrições - moderna - séc. XX.
Barômetro antigo de mesa em metal amarelo e vidro - séc. XIX.
Centro de mesa em pedra esteatita cinza lisa - moderno - séc. XX.
Prato raso de cobre cinzelado com desenhos - moderno - séc. XX.
Cache-pot grande de mesa em cobre martelado - moderno - séc. XX.
Cache-pots (3) com plantas decorativas diversas - modernos - séc. XX.
Bandô retangular grande em croché branco - moderno - séc. XX.
Bandô pequeno bordado para cima de móveis - moderno - séc. XX.

NICHO DO LAVABO II

Lavatório de trem em ferro pintado com espelho Art Nouveau - séc. XX.
Quadro pequeno o/t "Paisagem" - Ass. Osborne - séc. XX.
Gancho de parede para toalhas em bronze dourado - séc. XIX.
Lustre em estilo Eclético em bronze com tulipa de vidro - moderno - séc. XX.

LAVABO

Luminária de teto em vidro trabalhado e metal dourado - moderna - séc. XX.

SALA DA LAREIRA

Armário alto guarda roupas estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Banco mineiro rústico de sacristia em madeira - séc. XIX.
Banco baú mineiro de madeira clara para sacristia - séc. XIX.
Baú em madeira pintada e ferragens para viagens - sécs. XIX/XX.
Alambique com serpentina antigo em cobre batido - séc. XIX.
Mesa de jogos oval forrada de feltro estilo Luís XV(cópia) - séc. XX.
Cadeiras (2) de madeira rústica estilo Império(cópias) - séc. XX.
Cadeiras (2) de madeira e estofados em estilo Art Nouveau - séc. XX.
Cadeira de madeira e couro liso em estilo Filipino (cópia) - séc. XX.
Escrivaninha americana eclética de madeira com tampa de correr - séc. XX.
Cadeira americana eclética fixa para escrivaninha acima - séc. XX.
Mesinhas de canto (4) rústicas em madeira - modernas - séc. XX.
Máquina registradora em metal niquelado estilo Art Nouveau - séc. XX.
Cofre "Burra" francês de Marselha em ferro batido com segredo - séc. XIX.
Berço rústico mineiro de balanço em madeira escura - séc. XIX.
Sofá rústico de madeira com estofamento - moderno - séc. XX.
Estante rústica cantoneira mineira em madeira porta bilhas - séc. XIX.
Baú de casamento em madeira clara rústica provincial brasileiro - séc. XIX.
Vasos em barro cozido (5) com decorações policromas rústicas - séc. XX.
Mesa grande de bilhar brasileira em madeira estilo eclético - séc. XX.
Taqueiras (2) de parede em madeira com diversos tacos de bilhar - séc. XX.
Quadro negro pequeno de parede para anotações de jogos - séc. XX.
Mesa rústica de centro em roda de carro de boi - moderna - séc. XX.
Mesa média redonda de abas em madeira rústica provincial bras. - séc. XIX.
Mesa de canto de eixo de carro de boi com tampo de mármore circ. - s. XX.
Conjunto de sofá, poltronas (2) estofados rústicos - modernos - séc. XX.
Poltronas (2) inglesas de "orelhas" estofadas - modernas - séc. XX.
Cadeira de braços em madeira e palhinha estilo Império brasileiro - séc. XIX.
Lareira grande lavrada em granito fluminense e tijolos - moderna - séc. XX.
Lustre "Aranha" mineiro em estanho "estilo holandês" - moderno - séc. XX.
Quadro médio o/t "Paisagem" - Ass. Armando Viana (1897-1994).
Quadro grande o/t "Paisagem" - Ass. Manuel Faria Guimarães (1895-197?).
Quadro médio o/t "Paisagem" - Ass. Manuel de A. Santiago (1897-198?).

Quadro médio o/t “Marinha” - Ass. Ângelo Cannonne - séc. XX.
Quadro médio o/t “Cachoeira” - Ass. Taunay (atribuído) - séc. XIX.
Quadro médio o/t “Paisagem” - Ass. Carlos Augusto Vergara (1941-x).
Quadro médio o/t “Paisagem” - Ass. Ângelo G(ilegível) - séc. XX.
Quadro grande o/t “Pescadores” - Ass. Ubada Maris - Rio - séc. XX.
Telefone tipo “aranha” antigo de mesa em metal niquelado - séc. XX.
Buzinas antigas (2) de automóvel em metal dourado e borracha - séc. XX.
Balança antiga comercial pequena em latão dourado - séc. XX.
Balanças antigas (2) de farmacêutico em metal e madeira - séc. XX.
Tacho de cobre batido com sorvedouro e pedestal de ferro - séc. XIX.
Gonzo chinês antigo pequeno em bronze escuro trabalhado - séc. XIX.
Moedor de pimenta pequeno em latão amarelo com manivela - séc. XIX.
Máquina de costura manual em ferro e madeira americana - séc. XX.
Gramofone antigo com concha de ressonância em metal policromo - séc. XX.
Grande Cão de Fô em faiança chinesa azul anil - moderno - séc. XX.
Pinha gigante em faiança azul e branca - moderna - séc. XX.
Lunetas antigas (2) para agrimensura em metal amarelo - séc. XIX.
Teodolitos antigos (2) para agrimensura em metal amarelo - séc. XIX.
Barômetros antigos (2) em metal, vidro e madeira - sécs. XIX/XX.
Cadeado grande antigo com chave em ferro fundido - séc. XIX.
Incensório circular grande oriental em metal de benares - modemo - séc. XX.
Grande cache-pot antigo em prata trabalhada para chão - séc. XX.
Grandes cache-pots (2) em cobre martelado para chão - modernos - séc. XX.
Aquecedores (2) em ferro fundido para carvão pequenos de mesa - séc. XX.
Escultura pequena para mesa em bronze representando um rosto - séc. XX.
Lanterna grande de automóvel antigo em vidro e latão dourado - séc. XX.
Placa de metal dourado comemorativa de evento para mesa - mod. - s. XX.
Latão cilíndrico pintado de motivos fitomorfos com tampa - moderno - s. XX.
Caixinha de madeira para costura com tampa de azulejo - modema - séc. XX.
Televisor à cores com rack e decodificador para antena modernos - séc. XX.
Vídeo game em plástico com adaptadores e manche - modemos - séc. XX.
Tapete retangular grande em croché branco rústico - moderno - séc. XX.
Tapete circular grande em croché branco rústico - modemo - séc. XX.
Revistas diversas de assuntos populares novas - séc. XX.
Diversos cache-pots com plantas e flores (violetas, etc.). - séc. XX.

CORREDOR ÍNTIMO

Luminárias (5) de cristal jateado e metal dourado - modernas - séc. XX.
Lambris em madeira escura trabalhada - modernos - séc. XX.

QUARTO 1

Cama de viúvo em madeira trabalhada estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Guarda roupas em madeira escura estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Penteadeira pequena com espelho triplo rebatível eclética - séc. XX.
Criados mudos (2) gaveteiros e sapateiros em estilo eclético - séc. XIX.
Cadeira antiga em madeira trabalhada em estilo eclético - séc. XX.
Lustre “Aranha” em bronze e cúpula de vidro opalinado - moderno - séc. XX.
Abajures pequenos (2) em metal prateado trabalhado - modemos - séc. XX.
Telefone tipo “Aranha” antigo de mesa em metal prateado - séc. XX.
Gravura colorida inglesa emoldurada - Ass. H.H. Henderson - séc. XIX.
Garrafa de vidro trabalhado para bebidas - moderna - séc. XX.
Pequeno cesto de palha trançada para mesa - moderno - séc. XX.

Colcha grande em croché branco trançado - moderna - séc. XX.

QUARTO 2

Cama de casal francesa em estilo “Regência” c/ marchetaria (cópia) - s. XX.
Criados mudos franceses (2) estilo “Regência” c/ marchetaria (cópia) - s. XX.
Escrivaninha de correspondência francesa estilo “Regência” (cópia) - s. XX.
Cômada rústica gaveteira em madeira estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Cadeira francesa em madeira escura estilo “Regência” (cópia) - séc. XX.
Cadeira de balanço em madeira escura estilo “Regência”(cópia) - séc. XX.
Espelho oval estilo Luís XV com moldura em madeira dourada - séc. XX.
Porta bibelôs de cantoneira em madeira escura com prateleiras - séc. XX.
Gomil e lavanda em faiança italiana Art Nouveau policromada - séc. XX.
Abajur em metal escuro e vidro opalinado - moderno - séc. XX.
Castiçal pequeno mineiro em estanho liso - moderno - séc. XX.
Imaginária pequena da Virgem da Conceição em terracota policroma - s. XIX.
Rechaud com bule pequenos em porcelana pintada - modemos - séc. XX.
Vasinho tipo “solifleur” pequeno em cristal “bombée” liso - séc. XX.
Lustre tipo “Aranha” em bronze e cristal italiano rosa - moderno - séc. XX.
Gravura colorida francesa emoldurada - “cena de gênero” - séc. XIX.

QUARTO 3

Camas de solteiro (2) em madeira clara estilo Chippendale (cópia) - séc. XX.
Criados mudos (2) em madeira clara estilo Chippendale (cópia) - séc. XX.
Cômada gaveteira em madeira clara estilo Provincial brasileiro - séc. XIX.
Armário guarda roupas em estilo em estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Abajures (2) em metal dourado e tulipa de vidro colorido - mod. - séc. XX.
Relógio despertador artístico em metal trabalhado - modemo - séc. XX.
Porta retratos pequeno de madeira para mesa - modemo - séc. XX.
Imagem “paulistinha” de santo pequeno em terracota - séc. XIX.
Lustre tipo “Aranha” em bronze e cristal azul italiano - moderno - séc. XX.
Gravuras emolduradas (3) coloridas - modernas - séc. XX.
Telefone de mesa em plástico branco sem fio - modemo - séc. XX.

QUARTO 4

Cama de casal em madeira amarela estilo Neocolonial - séc. XX.
Criados mudos (2) em madeira amarela estilo Neocolonial - séc. XX.
Cômada gaveteira em madeira amarela estilo Neocolonial - séc. XX.
Armário de roupas duplo em madeira amarela estilo Neocolonial - séc. XX.
Abajures (2) pequenos em metal trabalhado para mesa - modemos - séc. XX.
Penteadeira em madeira amar. com espelho rebatível Neocolonial - séc. XX.
Lustre em metal e vidro opalinado - moderno - séc. XX.

BANHEIRO 1 (só as peças antigas ou curiosas)

Móvel lavatório de mad. e mármore em estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Luminária de teto em vidro trabalhado e metal dourado - moderna - séc. XX.
Ganchos (2) de parede em bronze dourado para toalhas - séc. XIX.
Porta de box de chuveiro estilo “bandeira” em madeira e vidro - mod. - s. XX.

BANHEIRO 2 (só as peças antigas ou curiosas)

Móvel lavatório de mad. e mármore em estilo provincial brasileiro - séc. XIX.
Luminária de teto em vidro trabalhado e metal dourado - moderna - séc. XX.
Ganchos (2) de parede em bronze dourado para toalhas - séc. XIX.

Porta de box de chuveiro estilo “bandeira” em madeira e vidro - mod. - s. XX.

COZINHA(só as peças antigas ou curiosas)

Tulhas(4) com vitrines (8) e prateleiras antigas em madeira - séc. XIX.

Console rústico em madeira trabalhada - moderno - séc. XX.

Bancos (4) estofados circulares em madeira - modernos - séc. XX

Mesa elástica rústica (parte) estilo provincial brasileiro - séc. XIX.

Banca gigante em granito e madeira para fogão e pia - moderna - séc. XX.

Grande fogão em aço escovado Brastemp com seis bocas - moder. - séc. XX.

Grande geladeira vertical em aço Brastemp pintada de branco - mod. - s. XX.

Grande freezer vertical em aço Brastemp pintado de branco - moder. - s. XX.

Bilha cilíndrica em faiança francesa azul e branca antiga - séc. XIX.

Peças diversas (12) portuguesas em porcelana azul e branca - séc. XX.

Tachos (5) em cobre martelado com alças - modernos - séc. XX.

Caçarola pequena em cobre martelado com cabo - moderna - séc. XX.

Pato pequeno em barro cozido decorativo para mesa - modemo - séc. XX.

Bule pequeno para chá ou café em cobre batido - moderno - séc. XX.

Filtro cilíndrico em faiança colorida alemã estilo Art Déco - séc. XX.

Filtro cilíndrico em faiança azul e branca brasileira - moderna - séc. XX.

Vasos (2) em cristal italiano azul marinho lapidado para flores - séc. XX.

Bule em estanho e detalhes em madeira escura antigo para café - séc. XX.

Caixa americana em madeira com tampa de correr para pão - mod. - séc. XX.

Aparelho telefônico em plástico preto com teclado - moderno - séc. XX.

Conjunto (6) de panelas e bule em metal esmaltado - modernos - séc. XX.

Conjunto (6) de vidros para conservas com tampa de madeira - mod. - s. XX.

Luminária antiga de rua em ferro e tulipa tipo “Light” para teto - séc. XX.

Quadro grande o/t “Paisagem” - Ass. Geraldo Castro (1925-x).

HISTÓRIA RESUMIDA DA FAZENDA DO SECRETÁRIO – VASSOURAS.

José Ferreira da Fonte era, em 1700, secretário do Governador da Capitania do Rio de Janeiro, Francisco de Castro Morais. Afóra esta informação, pouco sabemos dele. Francisco de Castro Morais, seu chefe, não era bem visto pela população do Rio de Janeiro. Acusado de despótico e corrupto, afirmações comprovadas posteriormente, era apelidado de “O Vaca”, pelos cariocas. Castro Morais fugiu da cidade em 1711, quando esta foi atacada pelos corsários franceses liderados por Jean François Duclerc e, pelas cartas que sobreviveram, mostrou-se posteriormente muito subserviente com o invasor. Acusado de omissão, perdeu o cargo e foi enviado à Portugal para ser julgado, mas a justiça do Rei Pedro II o absolveu, e ainda por cima o presenteou com um cargo de governança na Índia.

Quanto ao seu secretário, como já foi escrito, temos poucas referências. Sabemos, no entanto, que especulava com terras, provavelmente estimulado pelo seu patrão. Seja como for, a fortuna de Ferreira da Fonte cresceu muito enquanto o “Vaca” foi governador, tendo obtido a 07 de maio de 1703 muitas propriedades no Vale do Paraíba, principalmente em Paraíba do Sul, área onde passavam as caravanas auríferas de Minas Gerais. Ferreira da Fonte obteve igualmente terras em outras regiões, propriamente onde hoje existe o Distrito de Ferreiros, no Município de Vassouras. Todas estas propriedades eram conhecidas pelo nome genérico de “Fazenda do Secretário”.

Seu filho e também sucessor na secretaria do Governador, Antônio Pegado de Carvalho, continuou a adquirir terras, obtendo em 28 de agosto de 1734 outra sesmaria de légua no Vale do Ribeirão, concedida por seu patrão, o Governador Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, recém nomeado para o cargo. Entretanto, Pegado se desfez de algumas propriedades e, em 1746, das terras de Ferreiros. Seu novo dono,

Pedro de Saldanha e Albuquerque era, por sua vez, filho de outro ex-governador não menos importante, Ayres de Saldanha e Albuquerque, o qual, em seu curto governo de quatro anos, ergueu o Aqueduto da Carioca e o primeiro chafariz da cidade, no Largo da Carioca (1719-23).

A família Saldanha e Albuquerque, mais conhecida por seus dons militares que por administrar propriedades, manteve as terras de Secretário em estado de espera, e somente 75 anos depois, em 1821, as mesmas seriam vendidas a quem as desenvolveria de fato: Lauriano Correia e Castro. Os Correia e Castro eram, por sua vez, de um estófo bastante diferente. Nessa época, a saga dos Correia e Castro no Brasil já completava 70 anos.

Em 1750 mudou-se de Portugal para o Brasil o minhoto Domingos Correia Rangel. Estabelecido em Mariana, Minas Gerais, possuía Rangel uma meta pré-estabelecida: enriquecer rapidamente e voltar a Portugal. As coisas não saíram tão bem como planejadas, mas encontrou em Minas um outro tesouro: sua esposa, Da. Páscoa de Castro. Seguindo velho costume lusitano, os filhos tiveram sobrenome com o genitivo masculino em primeiro lugar. Esqueceu-se o sobrenome Rangel e surgiu, à partir de então, o clã Correia e Castro. O filho primogênito, Pedro Correia e Castro, logo pressentiu que o ouro de Minas era coisa do passado. Com a chegada do café no Vale do Paraíba, em 1782, Pedro mudou-se para a Vila de Paraíba do Sul, onde contraiu núpcias com Ana Esméria de Pontes França, viúva de Cristóvão Rodrigues Andrade, o mais rico comerciante da cidade.

Ana, que já era mãe de um filho, Hilário Joaquim de Andrade, futuro Barão de Piabanha, teria outros seis com Pedro. Excetuando duas meninas que morreram cedo, o mais velho, Pedro Correia e Castro (Filho), seria o Barão do Tinguá, famoso pela filantropia e que morreria solteiro. José e Antônio Batista Correia e Castro seriam respeitados juizes em Vassouras. O último varão e futuro senhor da Fazenda do Secretário, Lauriano Correia e Castro, nasceu na Vila de Paraíba do Sul em 1790. Casou-se aos trinta anos com sua sobrinha, Eufrásia Joaquina do Sacramento Andrade, filha de seu meio-irmão Hilário. Lauriano logo depois passou a adquirir terras, chegando a possuir seis grandes fazendas; e mudou-se em 1823 para a recém criada Vila de Paty do Alferes. Em Paty, Lauriano foi Presidente da Câmara Municipal e Coronel da Guarda Nacional, mas não conseguiu dirimir o ódio entre as duas famílias mais poderosas do lugar, os Werneck e os Xavier, cuja guerra particular acabou por expulsar toda a população local, o que levou a Regência Trina a extinguir a Vila de Paty em 1833 e a transferir todo o staff para um novo povoado que surgira em 1820 num entroncamento da Estrada da Polícia: Vassouras.

A mudança da família Correia e Castro para a Vila de Vassouras não trouxe para o clã alguma inconveniência. Lauriano possuía na região, desde 1821, as fazendas do Secretário e São Francisco do Tinguá. Usando a fazenda São Francisco como sede de moradia, Lauriano logrou, em 1833, ser eleito para a Câmara Municipal e nomeado Coronel-Chefe da Guarda Nacional de Vassouras. Após lutar em 1839 contra uma revolta de escravos na Serra de Santa Teresa, onde enfrentou um quilombo chefiado pelo líder negro Manuel Congo, o qual ameaçava as fazendas da região, pensou Lauriano em colocar logo abaixo a velha casa da Fazenda Secretário e em seu lugar erguer um palacete digno de sua imensa fortuna.

O meio-irmão de Lauriano, Hilário Joaquim de Andrade, era ligado por laços de amizade ao engenheiro alemão Júlio Frederico Köeller, famoso por projetar em 1843 a Vila de Petrópolis e seu Palácio Imperial. Köeller já projetara para Hilário a sede da Fazenda de Serraria em puro estilo neoclássico e, não resta dúvidas que Lauriano não perdeu a oportunidade de possuir uma casa projetada no mesmo estilo pelo engenheiro alemão. Segundo um informe de 1859, o solar da fazenda ficou pronto em 1844. Dois anos depois passou a residir em Vassouras o arquiteto e pintor catalão José Maria

Villaronga, natural de Barcelona. Villaronga pintou em 1846 o interior da igreja Matriz de Sacra Família, obra que não deve ter escapado aos olhos de Lauriano. Seja como for, Villaronga foi contratado e pintou os principais salões da fazenda com lindos afrescos, dos quais a maior parte ainda subsiste.

Lauriano foi agraciado pelo Imperador D. Pedro II, a 02 de dezembro de 1854, com o título de Barão de Campo Belo. Prêmio tardio por seus serviços na pacificação do Vale do Paraíba. Cinco anos depois, as portas do solar de Secretário se abriam para o jornalista e escritor francês Charles Ribeirrolles. Apesar de republicano, antiescravagista e socialista, Ribeirrolles traçou um quadro muito positivo do Barão de Campo Belo e de seu solar, o qual possuía um exército de 365 escravos, fora as crianças; tropa esta que se repartia em 25 lanços de senzalas. O próprio Barão se fazia de capataz e era citado como um incansável trabalhador. Quanto ao solar, depreende-se que já estava ultimado e era magnífico. Duas fotografias de Victor Frond, batidas na ocasião e das quais ainda sobrevivem em litografias coloridas atestam que a casa era a que chegou aos nossos dias, com pouquíssimas alterações.

Após uma tentativa frustrada de obter do Imperador uma concessão para a construção de um ramal ferroviário entre a Côrte e Vassouras, a saúde do Barão definhou e ele veio a falecer em 1861. A Fazenda do Secretário passou então a ser administrada pela Baronesa de Campo Belo, a qual começou a sentir o início da crise do sistema cafeicultor.

Com efeito, após a Lei Eusébio de Queiroz, de 1850, que proibiu o tráfico de escravos africanos, o Vale do Paraíba sofreu grande baque em sua economia. O preço dos cativos disparou e o lucro do café desabou. Em 1860, um escravo valia 15 bois, ou sejam, 26 mil reais pelos preços atuais. Não existia fortuna no país capaz de absorver essa despesa impunemente. Em 1856, um grupo resolutivo de vassourenses, liderados pelo Barão de Vassouras, tentou ligar a cidade à Côrte por um ramal ferroviário, objetivo que precisava da munificência imperial. O Imperador pensou diferente e concedeu o ramal a um grupo rival, beneficiando a região de Piraí, dominada pelo clã dos Breves. D. Pedro II, à guisa de compensação, elevou Vassouras à condição de Cidade a 29 de setembro de 1857. Título inútil se pensamos que o novo ramal ferroviário a isolaria em alguns anos e conduziria aquela região à pobreza por não ter como escoar sua produção agrícola. Com a inauguração do ramal em 1866, os vassourenses logo perceberam que o apito do trem tocava o réquiem de sua bela cidade. Sem a ferrovia os preços do café de Vassouras não teriam como concorrer com seus vizinhos.

A 28 de setembro de 1871 a Princesa Isabel Regente sancionou a Lei Saraiva-Cotegipe, mais conhecida como Lei do Ventre Livre. Em nenhum lugar do Vale do Paraíba os efeitos dela foram tão sentidos quanto em vassouras, que agora também passou a ser assolada pela Febre Amarela, a qual atingia, principalmente, os escravos. Isso foi demais para a velha Baronesa, que faleceu em 1873. Restou ao filho e herdeiro, Cristóvão Correia e Castro, um médico educado na Côrte, o ônus de conduzir a Fazenda do Secretário. Cristóvão, mais acostumado ao luxo do Rio de Janeiro que as lides da agricultura, mandou traçar os belos jardins de Secretário pelo paisagista francês Auguste Marie François Glaziou, que trabalhara na rearboração do Passeio Público, do Campo de Santana e da Quinta da Boa Vista, dentre outros logradouros, públicos e particulares. Glaziou trouxe para a Fazenda do Secretário lindas estátuas em ferro fundido de Val D'Osne, que espalhou pelos jardins desenhados à francesa.

Apesar das decorações supérfluas, Cristóvão introduziu na agricultura de Vassouras o arado. Explica-se: o plantio de café era feito nos morros, em encostas suaves denominadas de meias-laranjas. A várzea era desprezada e considerada inútil para o plantio da rubiácea. Cristóvão pensou em aproveitá-la, pois naquela época, aumentar a renda de uma fazenda era sinônimo de aumentar a área de plantação. A iniciativa teve certa repercussão e levou o Conde D'Eu, marido da Princesa Isabel, e um

admirador de novidades agrícolas a visitar a fazenda em 1878. Seja qual fosse o resultado, nada impediria a decadência do ciclo cafeeiro em Vassouras. Em 1885, a Lei dos Sexagenários seria outro rude golpe no sistema escravocrata. Com a morte de Cristóvão nessa mesma época, extinguiu-se a seiva criativa que possibilitou o surgimento de Secretário. Três anos depois, quando a Princesa Isabel assinou a lei no. 3353, cognominada Lei Áurea, extinguindo a escravidão no Brasil, a fabulosa Fazenda do Secretário era uma pálida sombra do que fôra. A família Correia e Castro ainda manteve a posse das terras por mais 25 anos.

Em 1913, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, um grupo holandês, de criadores de gado, adquiriu a Fazenda do Secretário. Em vez de café, agora na fazenda seria criado gado de corte. Cinco anos depois, ao término da guerra, um grupo inglês, donos do Frigorífico Anglo, de Mendes, comprou a fazenda para mesmo fim. Os ingleses construíram diversos prédios na propriedade e introduziram a luz elétrica no casarão. Fizeram também algumas besteiras, pois desmontaram a Capela de Santana, convertendo-a em dois apartamentos. Mas, em linhas gerais, preservaram a arquitetura do imóvel. A imagem da Santa foi doada à Matriz de Vassouras, onde ainda se encontra.

Vinte anos depois, em 1938, um grupo de criadores brasileiros adquiriu a fazenda, sendo que, em 1943, um dos membros do grupo, o famoso médico oncologista Mário Kroeff, pioneiro no tratamento dos doentes de câncer no Brasil, adquiriu as partes dos sócios e tornou-se dono de toda a propriedade.

Por 40 anos a família Kroeff a manteria como casa-de-campo. Ali se criaram e casaram seus filhos e netos, até que, em 1983, Kroeff faleceu em avançada idade. Os herdeiros se desinteressaram da casa, um grande ônus em época de grave crise financeira, e colocaram-na à venda. O incorporador imobiliário Arthur Mário Vianna custou a encontrar um comprador, mas em 1986 sua espera foi recompensada. Martha Ribeiro de Brito, uma jovem soteropolitana e que ganhara muito dinheiro com fazendas de cacau na Bahia, dona de pequena delicatessen no Rio de Janeiro, adquiriu a casa, mesmo em mau estado e dispôs-se a recuperá-la.

Dotada de rara dedicação e amor ao passado, Martha, ela mesma artista plástica, foi, aos poucos, recuperando o que estava arruinado. Descupinizou o casarão e mandou remover das paredes camadas de pinturas modernas e grosseiros papéis decorativos até encontrar as pinturas de Villaronga, recuperadas uma a uma. Pisos e tetos foram recompostos, paredes caídas foram levantadas, obras de arte restauradas e, finalmente, raros móveis, quadros, porcelanas e cristais antigos foram adquiridos em leilões e antiquários em todo o Brasil e pelo mundo afora, compondo os ambientes cujos móveis e demais objetos foram perdidos pelas sucessivas mudanças de proprietários. Os jardins foram refeitos e as estátuas francesas colocadas em posição de destaque. O renque de palmeiras foi completado com o plantio de mais de cem novas árvores. Até uma nova cascata foi recriada.

A casa não deixou logo de chamar a atenção da mídia, tendo sido seus exteriores servidos de cenário à novela “Dona Beja”, da finada Rede Manchete (1.986); e às minisséries “Os Mayas” (2.001) e o “Quinto dos Infernos” (2.002), as duas últimas da Rede Globo. A partir de 1996, a Fazenda do Secretário passou a ser aberta a grupos seletos de turistas, representando Martha o mesmo papel de anfitrião que 140 anos antes o Barão de Campo Belo Já iniciara quando recebeu o francês Ribeirrolles. Seus talentos não se limitaram a ser uma boa administradora e, recentemente, Martha lançou um livro sobre culinária antiga no Vale do Paraíba.

Hoje, no início do século XXI ainda podemos definir Secretário com a bela sentença de Ribeirrolles em 1859: ...”em Londres, no meio de um milhão de habitantes, o poeta Chateaubriand passou fome. Aqui, no meio desta imensidão, e sem ninguém me conhecer, fui tratado com toda a cordialidade e bem acomodado”.

“Onde estão os civilizados?”

FAZENDA SÃO FERNANDO - BARÃO DE MASSAMBARÁ – VASSOURAS.

A Fazenda São Fernando foi erguida em 1813, vinte anos antes do surgimento da Vila de Vassouras (1833), em terras pertencentes a Antônio Luís Werneck, grande cafeicultor e filho do Capitão(depois padre) Inácio de Souza Werneck, tronco de tradicional família, e que desde 1789 era proprietário de terras na região e fôra um dos pioneiros do plantio do café no Vale do Paraíba. A fazenda foi batizada em homenagem a um dos filhos de Antônio, Fernando Luís dos Santos Werneck, que a herdou. Tal prática era comum naqueles tempos, tendo seus irmãos Luís, Antônio e Carlos herdados, conseqüentemente, as fazendas São Luís, Santo Antônio, São Carlos, etc. Inicialmente, compunha-se a fazenda de apenas um sobrado acaçapado, bem rústico, construído na velha tradição mineira de simplicidade, ficando no térreo, todo erguido em pedra e cangicado as senzalas, sendo os salões e quartos no andar nobre, feito de pau-a-pique. Com o apogeu do ciclo cafeeiro em 1850, a fazenda ganhou mais dois corpos, o central, em posição normal ao antigo sobrado, e um outro de quartos, dando ao conjunto a forma aproximada de um “U”, ficando atrás do corpo principal a lavoura e à frente os imensos terreiros de café, as senzalas(das quais hoje só restam os alicerces em pedra e alguns vestígios), e tulha de armazenar café(hoje servindo como cocheira de cavalos Mangalarga). A primitiva senzala do sobrado inicial foi convertida em hospital de escravos, prestando bons serviços quando Vassouras foi assolada à partir de 1855 pelas epidemias de Cólera e Febre Amarela, sendo os escravos as principais vítimas. Ainda lá se ergue a chaminé do forno crematório utilizado na desinfecção. Com o fim do ciclo cafeeiro, São Fernando vira sítio de veraneio, sendo as senzalas demolidas e as terras arrendadas para criação de gado e lavouras de somenos importância. Nessa ocasião passou a casa por extensa reforma, tendo sido construído um passadiço ligando o velho sobrado ao novo corpo, inutilizando o pátio lajeado e cortando o tanque lavrado em pedra. Já neste século, em época mais recente, foi a fazenda adquirida pelo industrial Paulino Barroso Salgado, que fez uma restauração parcial, mas teve de demolir um corpo de quartos derruídos pelo cupim, erguendo no local o atelier de sua esposa, a artista plástica Zélia Salgado. Foi feita na ocasião a piscina, sendo a casa dotada delareiras. Em princípios da década de oitenta São Fernando foi comprada pelo banqueiro e político Ronaldo César Coelho, que a submeteu a uma restauração radical por equipe especializada que antes trabalhara no IPHAN, reconduzindo a fazenda às suas primitivas linhas, adaptando-a para o uso moderno. Muitos móveis e obras de arte foram adquiridos, haja vista que o mobiliário original se perdeu. Lustres valiosos foram comprados na Europa, salientando-se o do Salão de Recepção, gigantesca aranha de cristal setecentista adquirida em Portugal, bem como a impressionante coleção de santos barrocos, em especial a Sant'Ana Mestra do Hall, o São Fernando da capela(que não é o original, que se perdeu), Santa Apolônia, São Pedro, Santa Luzia e outros. Dos móveis, merece citação o arcaz setecentista de sacristia existente no Salão de Recepção, o valioso conjunto de móveis estilo Luís Felipe da mesma sala e a enorme mesa elástica da Sala de Jantar

MUNICÍPIO DE PIRAÍ - RJ

Parece que, entre 1770 e 1772, começou o devassamento das terras que, hoje constituem o Município de Piraí, com a construção de uma capela nessa região. É admissível que fosse uma decorrência do trânsito que, desde a segunda metade do século XVIII, se verificava no Vale do Paraíba do Sul, entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Sabe-se, porém, que João da Silva Serpa recebeu uma sesmaria; nesta habitavam algumas tribos de índios não identificados até agora. A capela teria sido erigida(1772) em louvor à Santana; foi curada, porque os que junto a ela moravam,

fizeram sentir às autoridades eclesiásticas a longa distância que haviam de percorrer para alcançarem a Matriz de São João Marcos.

Em 17 de outubro de 1817, foi predicada como Freguesia Curada de Santana do Piraí pelo Bispo D. José Caetano da Silva Coutinho e, nesse mesmo ano, confirmada em perpétua. A povoação foi promovida à Vila com o nome de Vila de Santana do Piraí, pela Lei Provincial no. 96, de 06 de dezembro de 1837, com território desmembrado dos Municípios de São João do Príncipe (depois São João Marcos) e Barra Mansa. Instalou-se em 11 de novembro de 1838. O café deu-lhe grandeza, prosperando seu comércio e sua indústria. Elevada a Vila à categoria de Cidade pela Decisão Provincial no. 2.041, de 17 de outubro de 1874. Com a Lei Áurea, verificou-se o êxodo dos libertos à procura de emprego com gente de melhor tratamento para os empregados. A falta de braços e a malária cooperaram para o declínio das lavouras que se transformaram em pastos para a pecuária. Em 17 de fevereiro de 1890, o Município é extinto e integrado ao de Barra do Piraí. Dois anos depois, em 03 de junho de 1892, foi-lhe restituída a autonomia. Decretos de 1892 referem-se à criação do Distrito de Piraí. De 1911 até 1943, o Município com o nome de Piraí conta com quatro Distritos, pois depois deste período aparece com cinco distritos.

Recebe sua economia grande estímulo com a criação da Companhia Industrial de Papéis Piraí (hoje em liquidação) e da Represa Nilo Peçanha. Na divisão territorial de 1944/48, o quinto Distrito aparece com o nome de Santanésia (ex-Piracema). Hoje o Município luta contra a pobreza, buscando na agricultura e pecuária elementos para seu progresso material. Suas muitas fazendas antigas de café tem sido bastante procuradas pelo turismo histórico, abrindo novas perspectivas ao futuro do Município.

FAZENDA SÃO JOÃO DA PROSPERIDADE - IPIABAS - BARRA DO PIRAÍ - R. J.

Fundada em princípios do século XIX, possivelmente em 1808 pelo legendário pioneiro Antônio Gonçalves de Moraes, o “Capitão Mata-Gente”(que, ao que se dizia, nunca matou ninguém, sendo o apelido dado por alguns tropeiros desafetos seus, acusados pelo Capitão de roubo). A Fazenda São João da Prosperidade foi batizada exatamente com o augúrio do sucesso no plantio do café, que então se iniciava na região. Antônio Gonçalves era irmão do Barão de Piraí, José Gonçalves de Moraes e filho do igualmente lendário “Cabeça de Cuia”, cujo nome era também José Gonçalves de Moraes, sendo que o apelido advinha do fato de que, quando sertanista, lutara com uma onça que lhe arrancou com patada parte da calota craniana. Sabe-se lá como, José Gonçalves avô prendeu os miolos com uma cuia de coité, assim vivendo muitos anos. O Capitão Mata-Gente Casou-se com Da. Rosa Luiza Gomes, filha do Barão de Mambucaba, que residia nas Fazendas Ponte Alta e Santa Maria, ambas um pouco mais abaixo do rio Piraí. Era dono das Fazendas Braço Grande, que lhe fazia limite, doada em 1843 ao seu filho José Gonçalves de Moraes (mais um José...), da Várzea, Piloto e Salto Pequeno, ambas fundadas por ele em 1808 em Rio Claro, e do Sítio Barra do Piraí. O empreendedor Capitão ergueu em 1853 uma ponte sobre o Rio Piraí, dando início ao povoado que seria em 1890 a Cidade de Barra do Piraí. Foi, portanto, Antônio Gonçalves o verdadeiro fundador da próspera cidade barrensense. Era genro do Barão de Guanabara, Joaquim Gonçalves de Oliveira Roxo, e igualmente ligado por laços familiares ao Comendador Joaquim José de Souza Breves, o “Rei do Café”, pois sua sobrinha casou-se com esse argenteiro, dono de 27 fazendas e outros tantos sítios e proprietário de 1500 escravos. Por sua vez, seu irmão, o Barão de Piraí, era casado com uma filha do “Rei do Café”, numa estranha união endogâmica muito desejada naqueles tempos. Era também contraparente do Barão de Vargem Alegre, o português Matias Gonçalves de Oliveira Roxo, proprietário de duas fazendas na vizinhança. Graças à esse cartel de influências, em 1873 a Fazenda São João da Prosperidade ganhava sua própria estação ferroviária para embarque de café para o Rio de Janeiro. Do fabuloso conjunto da Fazenda São

João da Prosperidade, ainda se erguem a antiga sede, térrea, de feição bem colonial mineira, com 10 quartos, 5 salões, capela, sala de jantar, cozinha construída com adobe (talvez anterior à própria casa-grande) paredes espessas de pedra e taipa e altíssima cumeeira, bem como escada de pedra, terreiro posterior, o curiosíssimo pouso dos tropeiros erguido frontalmente em pedra, moinho, ruínas monumentais de telhas, depósitos, senzalas, que a tornavam verdadeira cidade, autêntico burgo que podia levar vida independente das condições ao redor. Pertence atualmente ao casal Luiz Geraldo Muniz e Da. Magid Breves Muniz, ela descendente do “Rei do Café”. Com uma área de 40 alqueires mineiros, tem como principais atividades a suinocultura e pecuária leiteira e de corte.

MUNICÍPIO DE BANANAL - SP

O nome Bananal origina-se de “Banani”, ou seja, “rio sinuoso”, em tupi. Bananal teve seus primeiros fundamentos lançados no ano de 1783, mais ou menos. Originou-se dentre as treze sesmarias concedidas a diversas pessoas. A sesmaria em apreço foi doada a João Barbosa Camargo, pelo Capitão-Mór Manoel da Silva Reis, por determinação do General Martim Lopes Saldanha, do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, a Rainha Da. Maria I(a louca), Brigadeiro dos seus Reais Exércitos, Governador e Capitão General da Capitania de São Paulo. Em meados do século XVII já existia descendentes de antigas tribos indígenas, com hábitos mais ou menos regulares, já conhecedores das relações comerciais com o estrangeiro. Nessa ocasião começou, por nacionais e estrangeiros, a exploração desta região. Os fundadores João Barbosa de Camargo e sua mulher, Dona Maria Ribeira de Jesus, católicos fervorosos, fizeram edificar, em 1783, a primeira capela que dedicaram ao Senhor Bom Jesus do Livramento, dotando-a com um terreno de meia légua em quadra, cuja escritura, datada de 10 de fevereiro de 1785, foi lavrada em Guaratinguetá. O local dessa capela é desconhecido; entretanto, o terreno em que se ergue hoje a majestosa Matriz foi doado por André Lopes. O desenvolvimento de Bananal iniciou-se no princípio do século passado, graças aos esforços do Comendador Antônio Barbosa da Silva (o “Baú”) e outros descendentes de Barbosa de Camargo. Em 20 de janeiro de 1811, foi por Alvará Régio, elevada à Paróquia, sob a invocação do Senhor Bom Jesus do Livramento, cuja capela, então em começo, ficou sendo a Matriz local. Nessa ocasião, pertencia Bananal à Vila de Lorena, onde permaneceu até 28 de novembro de 1816, quando foi criada a Vila de São Miguel das Areias, pelo Alvará da mesma data, sendo, então, a ela anexada.

A 10 de julho de 1832, foi esta Freguesia elevada à categoria de Vila, instalada a 17 de março de 1833, por um Decreto assinado por José Lino Coutinho, ministro e secretário de Estado dos Negócios do Império, e por Francisco de Lima e Silva (pai do Duque de Caxias), José da Costa Carvalho e João Bráulio Muniz. Na primeira eleição havida para vereadores, foram eleitos os senhores: Joaquim Silvério de Castro Souza Medronho, Manuel Lescura França, Ignácio Gabriel Monteiro de Barros (filho do Visconde de Congonhas do Campo), Francisco de Aguiar Vallim (da mais rica família local), José Joaquim de Azevedo e João Gonçalves Lopes. A ata de posse desses vereadores foi assinada pelo secretário da Câmara da Vila de Areias, Antônio de Oliveira Leite, e pelo Presidente Manoel Eufrásio de Oliveira. A 06 de abril de 1833, a Câmara Municipal dividiu o Município em quatro Distritos, a saber: o da Vila, Santo Antônio (hoje Arapeí), Serra e do Rancho Grande.

Esse ato foi assinado pelo Presidente Joaquim Silvério de Souza Medronho e pelo Secretário José Pedro de Carvalho. A 16 de janeiro de 1835 a Câmara fez uma representação à Assembléia Legislativa da Província, solicitando a colonização de estrangeiros, para auxiliar o braço escravo, isto é, o braço africano, bem como a vinda de chineses para a plantação de chá, e, finalmente, a elevação da Vila à categoria de Têmo. A 18 de junho de 1842, quando da Rebelião Liberal em São Paulo, foi Bananal

desanexada da Província e incorporada à do Rio de Janeiro, por força do Decreto 180, da mesma data; à Província retornando no final da revolta, pelo Decreto 215, de agosto de 1842. Pela Lei Provincial no. 17, de 03 de abril de 1849, a Assembléia Provincial elevou Bananal à categoria de Cidade, dando-se sua instalação a 17 de setembro do mesmo ano. Em 1949, por ocasião de seu primeiro centenário da elevação à categoria de Cidade, foi delineado e feito o seu brasão de armas.

Foi Bananal no tempo do Império o maior Município cafeeiro e o mais rico dentro da Província de São Paulo, possuindo enormes fazendas produtoras de café e algodão e outras dedicadas à criações. O café aqui produzido era de qualidade variada, como seja: Maragogipe, Amarelo, Java, Moca, Ceilão, Bourbon, Libéria e Egípcio. O gado cavalariço era o melhor. Representava-se pelas seguintes raças: Voltigeur, Anglo-Árabe, Bone Dandy, Inglês puro sangue, Equateur francês, Napoleão e Pachá da raça Mickleumburguesa. O lanígero, pelas raças: Espanhola, Merino e a afamada Southdown.

No ano de 1852, a Câmara endereçou à Assembléia um pedido de incorporação de Bananal à Província do Rio de Janeiro, o que foi denegado, tendo-se em conta o grande valor do Município dentro da Província Paulista.

Por ocasião de um empréstimo lançado pelo Governo Imperial contra Londres, os banqueiros daquele país exigiram, para a sua concretização, o endosso de Bananal, como foi publicado pelo Jornal-Revista "Imprensa Legislativa". Bananal possui uma estação férrea, pertencente até 1964 à E.F.C.B., toda metálica, vinda da Bélgica peça a peça, com assoalhos de autêntico pinho de Riga. Essa estação é única no gênero, funcionando hoje como Estação Rodoviária e Biblioteca Municipal. Foi doação de um rico fazendeiro português, o Comendador Domingos Moitinho, dono das fazendas Resgate, Três Barras, Independência, Bocaina e Cruz, além de controlar várias empresas de navegação e carris urbanos. O prédio da Santa Casa, belíssima construção neoclássica de 1851, hoje sediando a Prefeitura Municipal, foi dádiva de outro potentado português de nome José Ferreira Gonçalves, o "Comendador Ferreirinha", é uma das melhores do Vale do Paraíba. Em 1872, foi inaugurado o serviço de águas, pelo engenheiro Alfredo Augusto Campos da Paz. A comarca de Bananal foi criada pela Lei Provincial no. 16, de março de 1858, e classificada pelos Decretos 2.187, de 05 de junho de 1858, 1ª. entrância, e 3.890, de 04 de fevereiro de 1872, 2ª. entrância.

Segundo João Mendes de Almeida, em seu Dicionário Geográfico da Província de São Paulo, Bananal pertenceu à comarca da Capital em 1811; a seguir, à comarca de Taubaté em 1833 e a de Guaratinguetá em 1852.

Consta, atualmente, dos seguintes Distritos de Paz: Bananal e Arapeí.

Em 1987, virou estância turística-histórica, retirando daí parte substancial de sua economia. A visão que se tem, quando se entra na pequena cidade, é, nitidamente, histórica. Tudo é muito antigo. Os apetrechos da modernidade poucas vezes são encontrados. Ao mesmo tempo em que nos sentimos entrando na história, tem-se uma impressão de abandono. Parece que a cidade foi imobilizada.

Nas fazendas da região, a sensação é mais ou menos a mesma. Em algumas, entretanto, principalmente naquelas, cujos proprietários tentam restaurar as marcas do passado, os contornos da antiga riqueza e opulência aparecem com todo o seu esplendor.

BANANAL E A FAZENDA RESGATE - UMA VIAGEM NO TEMPO

Uma viagem ao tempo em que Barões, Senhores e escravos construíram um Brasil rico e poderoso. A Fazenda Resgate, construída em 1854/6 no município paulista de Bananal, há duas horas do Rio, por estrada asfaltada, corresponde ao mais pujante testemunho dessa época.

Tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, possui em seus imensos salões, muito bem preservados, mobiliário de época, inclusive, um piano que pertenceu à

Marquesa de Santos, amante do Imperador D. Pedro I, além de consoles do século XVIII, móveis chineses, franceses, ingleses e portugueses setecentistas. No térreo do casarão, situa-se a mais formosa capela do Vale do Paraíba, dedicada à N. Sra. Das Vitórias, com formidável coleção de santos barrocos, alguns em tamanho natural, além de prataria setecentista. Todas as paredes são recobertas de pinturas murais decorativas executadas em 1856 pelo pintor catalão José Maria Villaronga, em especial os painéis da sala de entrada, sala de baile, capela e sala de jantar, todas com motivos da flora, fauna ou cenas exóticas e cômicas. Há também algumas pinturas ilusionistas notáveis, imitando com perfeição portas, quadros e móveis.

Seu atual proprietário, o Comandante Carlos Henrique Ferreira Braga, é também notável colecionador de obras de arte, tendo transformado Resgate num requintado museu de pinturas antigas e modernas, além dos já citados móveis raros, cristais de Murano, em especial sua coleção de frascos perfumeiros e pesos de papel, lustres franceses, principalmente os do salão nobre e da capela, porcelanas e opalinas, algumas bicentenárias.

Seus jardins, paisagisticamente tratados com esmero, possuem árvores raras. Há num setor do mesmo um manéje dedicado à criação de cavalos da raça Mangalarga Marchador.

A fazenda foi erguida em meados do século passado pelo rico Comendador Manuel de Aguiar Vallim, dono de dez fazendas, cujas terras iam de Angra dos Reis às Minas Gerais, o qual, ao morrer, em 1878, detinha em mãos 4% da riqueza nacional. Depois da debacle do ciclo cafeeiro, a fazenda passou às famílias Moutinho, Velleda, Masset e, em época mais recente, a Carlos Kraemer Machado da Silva, que fez uma primeira restauração parcial, salvando-a.

HISTÓRIA DA FAZENDA INDEPENDÊNCIA - BANANAL - SP.

O Capitão Hilário Gomes Nogueira (1750? - 1822), nasceu em Baependi, mas foi dos grandes proprietários rurais de Bananal, onde se mudou em 1791. Casou-se em 1780? com sua prima-irmã, Da. Maria Josefa do Nascimento (ou da Conceição?), igualmente de Baependi, com quem teve vários filhos. Um deles foi Da. Alda Maria Floriana Nogueira, nascida em Baependi a 1783, e que casou em Bananal a 1804 com o Capitão Mór Braz de Oliveira Arruda, nascido em Itacuruçá em 1770 e falecido em Bananal. O Capitão Mór estava em Bananal desde 1803, e era proprietário da Fazenda Cascata, em Rancho Grande, bem como de terras em Resende. Em 1813 o Capitão Hilário adquiriu a Fazenda Três Barras, onde ele e a família passaram a residir. Ali Braz e Da. Alda foram pais de 13 filhos, sendo que o 1º., Antônio de Oliveira Arruda, casou com sua prima-irmã, Da. Sinhala Gomes Nogueira, nascida a 6 de abril de 1804 e neta do Capitão Hilário.

Esse casal foi o fundador da Fazenda Independência, desmembrada da sesmaria do padre Antônio Fernandes da Cruz, a mesma que originara as Fazendas Três Barras e São Cristóvão, e que fora concedida pelo Rei D. José I em 04 de abril de 1776. A Fazenda foi criada em 1822 e batizada em homenagem à nossa emancipação política, fato que a família soube em primeira mão, haja vista que o Capitão Hilário, avô de ambos os cônjuges, homem respeitado e de grandes haveres, hospedara o Príncipe D. Pedro na Fazenda das Três Barras, quando este viajou à São Paulo, em 16 de agosto de 1822, e quando retornou em setembro, logo após o Ipiranga. Aliás, dois filhos de Hilário, Luís e Cassiano Gomes Nogueira, tinham se incorporado à comitiva do Príncipe, desde a Fazenda da Olaria, em São João do Príncipe, RJ, também de propriedade do Capitão, até o fim. Hilário, que estava doente, acamado, quando da visita do Príncipe D. Pedro, faleceu nesse mesmo ano de 1822, poucos dias depois da Independência. Após a morte do patriarca, o casal Antônio e Sinhala venderam Independência à Da. Feliciano Barbosa da Silva Decoupé, que adquiriu também as fazendas Bocaina e Cruz. Depois de 1844,

Da. Feliciano vendeu as três fazendas ao Comendador Manoel de Aguiar Vallin (1810 - 1878), que as incorporou a seu rico império, cuja sede era na Fazenda Resgate.

Ele doou Independência como dote de casamento à sua filha Amélia de Almeida Vallin, nascida em Bananal (26/06/1851 - 28/12/1905), e que se casou em 1867, em Bananal, com Pedro Luís Pereira de Souza. Nascido em Araruama, a 13 de dezembro de 1839. Formado em direito por São Paulo, na Faculdade do Largo de São Francisco, onde foi colega de Casemiro de Abreu (1856) e aluno de Teixeira de Freitas, poeta, jornalista orador e escritor de mérito, escreveu poesias de sucesso desde os dezesseis anos. Suas rimas inspiraram Castro Alves, de quem era amigo. Era o "redator" dos documentos do sogro. Seguiu a carreira política pelo partido liberal, onde chegou a ministro e Conselheiro do Imperador(1880). Seu sogro, o poderoso Comendador, era chefe do partido conservador, mas se davam bem. Como dono da Fazenda Independência, para onde se mudou em 1868, era mais visto cercado de livros que de feitores. Quando libertava um escravo, mantinha-o a seu serviço, pagando o devido salário. Poeta, sabia de cor as Bucólicas de Virgílio e se comprazia recitando a Eneida e Geórgicas, em latim. Rubião Meira, escritor, político e parente, seu contemporâneo, informou que na sua Fazenda Independência, quase no centro de um matagal, em formoso paraíso, passava grande parte do ano mais com livros que com lavoura. Gostava de manter tertúlias poéticas com seu tio, o Visconde de São Laurindo, também afeito às letras, mas que sempre saía derrotado na disputa. Suas poesias foram muito elogiadas pelo escritor português Antônio Feliciano de Castilho. É o patrono da cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras. A política, porém, o absorveu. Além de deputado provincial (1864/65), deputado geral (1878/81), foi ministro das Relações Exteriores, no gabinete Saraiva (1880/81), sendo seu primeiro ato, o reconhecimento da Rumânia, desmembrada do Império Otomano. Foi agraciado em 1880 pelo Príncipe da Rumânia com a Grã Cruz da Estrela da Rumânia. Acumulou nesse gabinete, certa vez, quatro pastas: Estrangeiros; Império; Agricultura, Comércio e Obras Públicas(1881) e da Marinha. Viajou muito pelo mundo (1872/77). Certa vez, em Roma, ouviu um realejo tocando música brasileira. Caiu em meditação e chorou. Seu terceiro filho, Pedro, nasceu em Paris (1872). Nomeado Presidente da província da Bahia (1882/84), substituindo o Marquês de Paranaguá, ali praticou a política espiritual. Sua administração foi proveitosa e agradou a todos. Era, entretanto, adversário feroz do Senador Zacarias de Góes e Vasconcellos. Certa vez, um seu serviçal de confiança adicionou vidro moído em sua refeição. Quase morreu, ficou doente e deixou a presidência da província da Bahia, entregando-a a Manuel Vitorino Pereira. Sem conseguir curar seus males, foi morar na Fazenda Três Barras, em Bananal, onde morava seu concunhado Rubião Júnior e aí faleceu às quatro horas da manhã do dia 16 de julho de 1884. Foi enterrado no cemitério da Santa Casa de Bananal. Era pai de oito filhos, sendo sete varões, e primo do ex-presidente Washington Luís (1926/30). Em 1888 foi fundado um grêmio literário em Bananal com seu nome. Também o Conselheiro foi Patrono do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Da. Amélia, logo depois de viúva, contraiu segundas núpcias com José da Silva Pontes, com quem teve mais duas filhas, nascidas em Independência. Após a morte do patriarca de Bananal, Manuel de Aguiar Vallin, em 1878, sua viúva, D. Domiciana de Almeida Vallin, tomou as rédeas dos negócios familiares e, depois de 1884, com a morte do Conselheiro Pedro Luís, passou igualmente a administrar a Fazenda Independência, a qual, diga-se de passagem, nunca foi rentável. Mas com a crise do sistema escravocrata, D. Domiciana vendeu todas as fazendas em 1891 ao empresário de origem portuguesa Domingos Moitinho, dono de caieira em Bananal, homem tão rico que chegou a cunhar moedas pessoais em vários metais, inclusive em prata, e que só circulavam em suas fazendas, cujos filhos Álvaro e Fernando, as administraram e criaram gado. As fazendas Independência, Bocaina e Cruz ficaram com Álvaro Moitinho, enquanto que Resgate e Três Barras, bem como a Estrada de ferro de Bananal, ficaram com Fernando, que era

engenheiro e fabricante de aguardente. Já na primeira década do século XX, Independência fôra vendida novamente. Em 1927 foi cortada pela Rodovia Rio-São Paulo. O ex-presidente Washington Luís nela se hospedou. Pertenceu, por 33 anos, ao engenheiro Jorge de Melo Sabugosa. Foi depois vendida ao também engenheiro Sebastião da Mota Neto, que a restaurou. E depois, ao banqueiro Airton Tumolo, morto em 1996. Hoje, seu solar é de sua viúva, Sra. Ivete Tumolo.

FAZENDA COQUEIROS – BANANAL

A Fazenda Coqueiros foi fundada no princípio do século XIX pelo cafeicultor José Gonçalves de Campos, homem que se esmerava no trajar, pois suas roupas estavam dentre seus bens mais valiosos. Era muito vaidoso, bastando dizer que, quando ia à cidade, mandava a frente uma banda de escravos anunciando sua chegada. Faleceu em 1835, solteiro.

Neste mesmo ano, arrematou a Fazenda Coqueiros o casal de portugueses Inácio Ribeiro Barbosa e sua esposa, Da. Gertrudes Maria de Oliveira. Ambos deixaram a sede da fazenda como chegou aos nossos dias. Os dois eram de baixa estatura, tendo sido construído na frente da fazenda uma plataforma alta para que pudessem montar. Foram, provavelmente, os construtores do estranho banheiro da casa, que dava para o chiqueiro.

Herdou a fazenda o filho de ambos, o Major Cândido Ribeiro Barbosa, nascido em Coqueiros (1835-19??), e que foi proprietário também das fazendas Rialto e Cachoeirinha. O Major casou-se aos dezoito anos, em 1853, com Da. Joaquina Maria de Jesus, bem mais velha, nascida em Bananal (1812-1911). Foram pais de um filho único: Cândido Ribeiro Barbosa (filho).

Cândido Ribeiro Barbosa (filho), vulgo “Candóca” ou “Menino de Ouro”, nasceu em Coqueiros (1854-1922). Foi tabelião em Cajuru e Barão de Ribeiro Barbosa, por Portugal (1885). Sua casa na cidade de Bananal é o sobrado onde hoje está a “Sorveteria Tio Beppi”, na esquina da Praça da Matriz com a rua Manuel de Aguiar Vallin. O apelido “Menino de Ouro” era oriundo de uma promessa familiar. Como a mãe, Da. Joaquina, já possuía alguma idade quando engravidou (42 anos), prometeu doar o peso da criança em ouro, se esta nascesse saudável, para a Santa Casa de Misericórdia de Bananal, o que de fato aconteceu. “Candóca” casou-se em 26 de abril de 1876 com Da. Etelvina Laura de Almeida, nascida em Bananal (1862-1942), filha do Visconde de São Laurindo. Foram pais de onze filhos, dos quais os quatro primeiros nasceram na Fazenda Coqueiros.

Com a decadência do cido do café em Bananal depois da Lei do “Ventre Livre”, em 1871, bem como o casamento de “Candóca”, cuja esposa não apreciava a vida no campo, a família desinteressou-se paulatinamente pela atividade agrária, vendendo a Fazenda Coqueiros em fins de 1884 ao português Sr. Cintra, que nela passou a criar gado. No século XX, foi a fazenda vendida outras vezes.

O CASO DE BRACUHY

O tráfico de escravos africanos para o Brasil havia sido proibido, pela primeira vez, em novembro de 1831. Entretanto, a lei não foi cumprida com eficiência e a escravização de africanos prosseguiu com grande intensidade, apesar da pressão da Inglaterra para sua interrupção desde 1807, quando abolira o comércio de escravos em suas colônias. Em agosto de 1845, visando atualizar de uma forma mais drástica antigos tratados, que estabeleciam o direito de busca em alto mar por navios ingleses, o Parlamento inglês votou o Bill Aberdeen (projeto de lei encaminhado por Lord Aberdeen, Ministro das Relações Exteriores). A lei declarava legal o apresamento de qualquer navio empregado no tráfico e dava aos tribunais do Almirantado da Inglaterra o poder de julgar os infratores por pirataria.

Nessa conjuntura, mas procurando evitar que qualquer medida fosse associada a uma simples obediência aos interesses ingleses, em setembro de 1850, o governo

imperial, chefiado pelo Gabinete Conservador, conseguia aprovar na Câmara e no Senado, sem significativa oposição. A Lei 581, um novo limite à continuidade do tráfico de africanos.

Desde o século XVII ocorriam desembarques de escravos nos portos da costa verde, de Sepetiba até Paraty. Até 1759, eram promovidos pelos padres jesuítas, que assim obtinham braços escravos para seus engenhos de cana.

Esses desembarques intensificaram-se no princípio do século XIX, promovidos principalmente pelos fazendeiros de café do Vale do Paraíba, que, de princípio, ignoraram os termos da Lei 581, imaginando-a mais uma legislação ditada “para inglês ver”.

Normalmente essas arribadas ocorriam nos portos de Mangaratiba e Sepetiba, mas com a proibição, toda costa aptável e deserta passou a ser utilizada.

Em 11 de dezembro de 1852 houve um desembarque de africanos no porto do Bracuhy, freguesia da Ribeira, próximo à cidade de Angra dos Reis. Narra o delegado que, ao aportar o barco americano “Camargo”, comandado por um capitão norte-americano, muitas canoas haviam se aproximado e os africanos desembarcaram em terras da Fazenda Santa Rita, de propriedade do Comendador Joaquim José de Souza Breves, o “Rei do Café”. A polícia prendeu vários traficantes nacionais e estrangeiros, apreendeu parte da carga de 500 africanos vindos de Quelimane e Moçambique, bem como documentação que incriminava muita gente importante, inclusive o Comendador Luciano e o Major Nogueira, figurões de Bananal.

As enérgicas medidas tomadas pelo governo imperial logo tiveram efeito e em 16 de janeiro de 1853 foram apreendidos 10 africanos boçais, acompanhados de um escravo ladino, em um rancho aberto, em terras da Fazenda Resgate, em Bananal. Logo depois, a 20 do mesmo mês, outros escravos seriam apreendidos em fazendas da região. O processo aberto posteriormente arrolou como acusados alguns dos homens mais ricos e poderosos do Brasil, dentre eles o Comendador Breves, dono de 37 fazendas e 27 chácaras, e o Comendador Manuel de Aguiar Vallin, proprietário de latifúndios que iam de Angra dos Reis às Minas Gerais, ambos conhecidos cafeicultores e chefes do Partido Conservador. Também foram indiciados, em fevereiro de 1853, o sogro de Vallin, o Comendador Luciano José de Almeida, o Major Antônio José Nogueira e Pedro Ramos Nogueira, todos grandes fazendeiros de Bananal.

Na verdade, Aguiar Vallin não chegou a ser julgado. O processo foi instaurado, as testemunhas foram ouvidas e Vallin ficou detido na cadeia (segundo ele próprio, por livre e espontânea vontade...). Entretanto, antes do julgamento, o Chefe de Polícia de São Paulo, Fernandes Fonseca, aceitou seu recurso e desprunciou-o.

No final, todos os envolvidos foram absolvidos, mas o próprio fato de algumas das maiores potestades financeiras da nação terem sido levadas a um tribunal, sendo as testemunhas contra elas quase todos escravos, foi um acontecimento inédito no Brasil. Vale ressaltar que a imprensa em sua totalidade ficou ao lado dos fazendeiros quase que o tempo todo, fazendo alguns jomais campanha por suas solturas; outros periódicos, defendiam os nababos nacionais não contra o ato em si, mas contra o que era considerado um ultraje à dignidade nacional o fato de submeter esses homens a um tribunal que, em última análise, estava obrigando súditos brasileiros a cumprir uma lei ditada pelos ingleses.

Seja como for, foi a primeira vez que autoridades de tal porte foram levadas a submeter-se a lei e, se o tráfico de escravos ainda ocorreria ocultamente por mais alguns anos, ele decresceu até desaparecer por completo em virtude da energia empregada pelo governo imperial em extingui-lo.

Em 1859, o Comendador Manuel de Aguiar Vallin solicitou ao governo imperial o título de Barão de Bananal. O Ministro Marquês de Abrantes indeferiu o pedido, em carta de 06 de março de 1859, alegando a questão negreira do Bracuhy. Nem o poderoso

Vallin, nem o riquíssimo Breves e nenhum dos outros importantes envolvidos atingiria a nobreza.

O "REI DO CAFÉ" NA COSTA VERDE

Entre os grandes nomes do Império nascidos nesta região ou nela tendo propriedades cafeeiras notáveis, nenhum deles, porém, jamais ostentaria a imensa riqueza do Comendador Joaquim José de Souza Breves, o "Rei do Café", o absoluto senhor de 37 fazendas, 27 chácaras e 6.000 escravos.

Era filho de José de Souza Breves, Juiz Almotacé de São João Marcos, e nasceu na Fazenda de Manga Larga, em fevereiro de 1804. Em 16 de agosto de 1822, por ocasião da passagem do Príncipe D. Pedro por São João Marcos, então São João do Príncipe, incorporou-se à comitiva indo a São Paulo e a Santos, assistindo de regresso ao Grito da Independência no Ipiranga.

Este formidável senhor de terras, instalou na Restinga da Marambaia grande fazenda, com seu porto particular para chegada dos veleiros d'África. Quando chegavam os navios carregados de escravos, selecionava as melhores negras para cruzarem com seus empregados brancos, chegando a obter assim, depois de algumas gerações, famoso séqüito de escravas brancas, louras, que o acompanhava nos camarotes da ópera na Côrte.

O grande clã dos Breves tinha também outro porto de mar, pois Mangaratiba é obra quase toda sua. Para ali desciam anualmente para os seus navios, centenas de milhares de arrobas de café. 70 diligências diárias adicionavam-se às intermináveis fileiras de tropas que de São João Marcos pela sua estrada vinham ao litoral.

Em Mangaratiba tinha ele o seu teatro, a sua chácara plantada com uma flora importada de todos os recantos, os seus trapiches, as suas cocheiras, os seus enormes armazéns. As récitas teatrais de João Caetano divertiam ali sua família e comitivas ilustres, quando ao descerem para os banhos de mar na Marambaia, estacionavam por alguns dias na pequena cidade, cuja florescência hoje desapareceu, cujo bulício de navios, de tropeiros, de diligências completamente sumiu.

Com a sua extraordinária capacidade organizadora, o Comendador localizara, quase numa dependência única, os portos de Marambaia e de Mangaratiba. O primeiro, onde mantinha sempre renovados os milhares de braços necessários aos seus latifúndios, e da outra banda de Sepetiba, a febril encenação do segundo, sempre agitado pelo burburinho de uma atividade mercantil, com as torrentes de café que da serra desciam. A Marambaia era neste sentido um ponto estratégico. Ela lhe abria completamente o domínio do mar para as comunicações com os navios negreiros que lhe traziam do outro lado do Atlântico o combustível humano com que alimentava o fogo do trabalho do cafezal. Aquela fazenda era o pulmão da sua grandeza latifundiária, embaixo e no alto da Serra. O crescimento do cafezal impunha o aumento do braço escravo.

Foi assim que pôde ele até nos fins do Império, obter a mão-de-obra para os seus imensos cafezais. Não obstante a vizinhança do Rio de Janeiro, ao abrigo da grande Restinga da Marambaia, ancoravam os veleiros com as suas cargas de africanos. Seu envolvimento no escândalo de Bracuhy, em 1852, foi um duro golpe em suas pretensões de aumentar sua mão de obra escrava, mas Breves se recompôs e se livrou da justiça sem dificuldade.

A esse privilégio deve o "Rei do Café" ter podido continuar ampliando sempre as suas lavouras, até que a Abolição de um golpe destruiu todo o poderio do seu clã.

Morreu falido em 30 de setembro de 1889.

Milton de Mendonça Teixeira, pesquisou e redigiu.